

# MEDO E RESENTIMENTO: a construção da barbárie como forma de subjugação

João Victor Sanches da Matta Machado \*

Vinícius de Almeida Costa \*\*

Pâmela Martins \*\*\*

Resenha de *O Medo dos Bárbaros: para além do choque das civilizações*, de Tzvetan Todorov. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010 (2008). Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 237p.

O debate a respeito da dita superioridade cultural não data dos dias atuais, sua natureza estando diretamente ligada à própria modernidade. A dicotomia civilização/barbárie e a universalização dos valores europeus determinam as relações de poder globais a partir do Iluminismo (TODOROV, 2010:40 [2008]). Este representa um marco, na medida em que sintetiza (ou, pelo menos, tenta fazê-lo) as diferentes identidades culturais européias. Síntese esta que segundo Todorov, desconsidera a pluralidade existente, cujas contribuições são reunidas deliberadamente como *européias* de modo a desconsiderar que elas nasceram em contextos regionais, históricos e locais totalmente diversos, assim como os diversos povos que habitam a Europa possuem diferentes memórias coletivas. Eis uma das razões pelas quais é problemática a pretensão do Iluminismo em resumir a Europa sob uma única cultura e identidade. Afinal, conforme aponta Todorov, mesmo a produção que a Europa se orgulha de ter construído possui, inequivocamente, influência de outros povos.

O livro inicia-se com uma desilusão. A utopia da crença de que, com o fim dos regimes totalitários na década de 1990, não haveria mais razão para oposição entre Leste e Oeste. O paradigma liberal mostrava-se vitorioso e os conflitos acabariam em prol da

---

\* Estudante de graduação em Relações Internacionais da UFRRJ, bolsista PIBIC/CNPQ. Resenha escrita no âmbito do projeto de investigação *A geografia como geopolítica do conhecimento: diálogos pós-coloniais*, sob orientação do professor Guilherme Ribeiro (LAPEHGE/UFRRJ). E-mail: jvsanchesmm@gmail.com

\*\* Estudante de graduação em Relações Internacionais da UFRRJ. E-mail: viniciusdalmeidacosta@gmail.com

\*\*\* Estudante de graduação em Relações Internacionais da UFRRJ. E-mail: pâmela.illisse@gmail.com

harmonia de uma nova ordem mundial. Porém, a crescente tensão presentes nos anos subsequentes, ligada ao movimento da globalização e todos os seus múltiplos efeitos, acabam com tal ilusão de conagraçamento.

O debate conduzido por Todorov tem como um de seus objetivos minar os discursos etno e eurocêntrico. Reconhecer a universalidade cultura europeia é estigmatizar diversas sociedades como inferiores, bárbaras, atrasadas, ou seja, legitimar políticas historicamente constituídas por práticas desumanas e de dominação, a dita “missão civilizatória”. Segundo seu registro, “O medo dos bárbaros é o que ameaça converter-nos em bárbaros. (...) A história nos ensina: o remédio pode ser pior que a enfermidade” (idem, p.15). Esta argumentação é essencial, pois, se olharmos para o século passado, observaremos que ele foi palco da luta pelo reconhecimento cultural dos povos historicamente colonizados e fragmentados pela Europa. As consequências culturais do período colonial são tratadas com esmero por Todorov, revelando toda a dificuldade da Europa em lidar com o “outro”. Mesmo assim, o monólogo cultural em que se definem as relações internacionais (cf. CÉSAIRE, 2010 [1995]) insiste em se perpetuar até os dias atuais.

A forma como esse discurso do colonizador toma forma hoje em dia é perceptível nas ideias do norte-americano Samuel Huntington. A crítica à sua obra, onde o islamismo é visto como ameaça ao bem-estar e ao modo de vida ocidental, é central no livro — embora não se limite a isto. A divisão das civilizações realizada por Huntington torna-se uma ferramenta que, nas ações de governos levados pelo medo ou que possuem o medo como álibi, quer fazer crer na existência de um “choque de civilizações” para justificar práticas claramente racistas e xenofóbicas. Após o fim da Guerra Fria e os atentados de 11 de setembro, o islamismo encarna o novo vilão a ser derrotado em nome da liberdade e bem-estar do Ocidente (TODOROV, 2010:117-118 [2008]). A visão de Huntington limita-se a um determinismo identitário que desconsidera que a diversidade das culturas humanas é, no presente e no passado, muito maior e mais rica que tudo aquilo que podemos chegar a conhecer (vide LÉVI-STRAUSS, 1952). A guerra contra o terror, políticas xenofóbicas e violência recíproca são discursos apresentados por Todorov como determinantes desse maniqueísmo histórico. O

etnocentrismo situa a Europa como única autoridade responsável pela produção intelectual a respeito dos povos “inferiores” (vide SAID, 2007 [1978]). A problemática encontra-se na inevitabilidade das diferenças culturais; porém, a responsabilidade pelo conflito de ambos os lados não seria característica intrínseca à cultura, mas referente ao mau uso das crenças dos povos por grupos que visam somente ganho pessoal. Até que ponto a liberdade de expressão pode ir? Seus limites encontram-se no discurso do ódio, algo que não pode ser tolerado em sociedades democráticas (TODOROV, 2010:172 [2008]).

A necessidade do debate levado adiante por Tzvetan Todorov está presente na percepção do mundo típica de nossos dias. Em tempos de crise é que se conforma a imagem do inimigo; há que se forjar um responsável pelas mazelas econômico-sociais. O incremento da extrema direita na Europa, como podemos observar nos últimos anos, é uma das preocupações e foco de análise de Todorov. Ressalta-se o nacionalismo chauvinista a fim de sufocar políticas sociais e marginalizar ainda mais os estrangeiros, recuperando um sentimento nostálgico de um passado comunitário nacional supostamente glorioso (ver CARTA CAPITAL, 2014). Tal escalada da extrema direita encontra-se presente em países de grande relevância no cenário internacional, tais como Inglaterra, França e Holanda. Uma reportagem do jornal francês *Libération* do dia 25 de Maio de 2014 intitulada *Un tiers des eurodéputés français seront FN (Um terço dos eurodeputados franceses serão Front National)* demonstra como a presença deste gênero de mentalidade já ocorre na França, com 25% dos votos nas eleições para o parlamento europeu realizadas no país sendo destinados ao partido de extrema direita liderado por Marine Le Pen.

Enfim, o que se observa é o viés político que remonta à mentalidade etnocêntrica de superioridade. O alerta de Todorov se dá nesse sentido: considerar uma cultura ou um povo superiores a outros é o que nos leva a práticas desumanas. A própria sociedade que se diz civilizada, ao se deixar conduzir pelo medo, pode ser responsável pelas políticas as mais bárbaras.

## **Bibliografia**

CARTA Capital. *Europa: o espectro da extrema-direita*. Disponível em: [www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/europa-o-espectro-da-extrema-direita-1414.html](http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/europa-o-espectro-da-extrema-direita-1414.html) Acessado em 29 de maio de 2014.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas (2010).

HUNTINGTON, Samuel. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva (2000).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. Lisboa: Presença (1952).

LIBÉRATION. *Un tiers des eurodéputés français seront FN*. Disponível em: [www.liberation.fr/politiques/2014/05/25/le-fn-premier-parti-de-france\\_1026579](http://www.liberation.fr/politiques/2014/05/25/le-fn-premier-parti-de-france_1026579) . Acessado em 29 de maio de 2014.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso (2007).

TODOROV, Tzvetan. *O Medo dos Bárbaros: para além do choque das civilizações*. Petrópolis: Editora Vozes (2010).